

DESVENDANDO OS SEGREDOS DA CHAVE DE SALOMÃO

Prof. Dr. Jairo Nogueira Luna

Universidade de Pernambuco

jairoluna@uol.com.br

ISSN 2526-1096

melancolia@revistamelancolia.com

Enviado: 15/05/2018

Aceptado: 18/09/2018

RESUMO:

Neste artigo buscamos apresentar uma interpretação do conhecido pantáculo da chave geral de Salomão, estrutura gráfica-simbólica muito usada em rituais dito mágicos no esoterismo e referenciada em várias obras de ciências ocultas. Apresentamos um breve histórico de sua origem e significado e a seguir fazemos uma interpretação das partes do pantáculo, demonstrando relações com símbolos do ciclo arturiano, também com o processo de construção de sigilos em quadrados mágicos, bem como o processo de obtenção de nomes ditos mágicos.

PALAVRAS-CHAVE: Esoterismo; Cabala; Ciências ocultas; Chave Geral de Salomão; Quadrados Mágicos; Excalibur.

UNVEILING THE SECRETS OF SOLOMON'S KEY

ABSTRACT

In this article we present an interpretation of the well-known key of the general key of Solomon, graphic-symbolic structure widely used in said magical rituals in esoterism and referenced in several works of occult sciences. We present a brief history of its origin and meaning and then we do an interpretation of the parts of the pentacle, demonstrating relations with symbols of the Arturian cycle, also with the process of building sigils in magical squares, as well as the process of obtaining magical names.

KEY WORDS: Esotericism; Kabbalah; Occult sciences; Solomon's General Key; Magic Squares; Excalibur.

Jairo Nogueira Luna é Professor da Universidade de Pernambuco, com pós-doutorado e Mestrado em Literatura Brasileira e doutorado em Literatura Portuguesa, títulos obtidos na Universidade de São Paulo (USP). Autor de 19 livros, entre os quais *Teoria do Neo-estruturalismo Semiótico* (Vila Rica, 2006); *Cadernos de Anotações* (Opportuno, 2006); *Acerca de Poesia, Música e Cinema* (Signos, 2007). Pesquisador em esoterismo, cabala, numerologia, autor do livro *A Chave Esotérica de Mensagem de Fernando Pessoa* (Epsilon Volantis, 2004).

DESVENDANDO OS SEGREDOS DA CHAVE DE SALOMÃO

1. Introdução

A chave geral de Salomão é uma clavícula muito difundida e utilizada em variados rituais de natureza esotérica, cabalística e alquímica. O texto embora atribuído ao Rei Salomão tem origem na idade média. É um grimório¹ contendo várias chaves, selos e encantamentos para conjurar diversas entidades. Existem duas versões, a *Clavicula Salomonis* ou *Clavis Salomonis* – que contém 36 pantáculos e a *Chave Menor de Salomão* ou *Lemegeton Clavicula Salomonis*, que contém cinco partes: *Ars Goetia*, *Ars Theurgia Goetia*, *Ars Paulina*, *Ars Almadel* e *Ars Nova*. Aleister Crowley, Samuel Lidell MacGregor Mathers fizeram uma tradução desta obra para o inglês.

Jerusa Pires Ferreira observa como a palavra grimório está etimologicamente ligada a idéia de livro de gramática, o que não deixa de ser curioso, mas ao mesmo tempo nos revela a natureza medieval de ambos os conceitos:

“*Grimoire* procede ou liga-se diretamente a *Grammaire*, designando a gramática latina, incompreensível para o vulgo, tendo também o sentido de livro de magia para uso de feiticeiros, obra ou discurso obscuro, indecifrável. Localizam-se sempre correspondentes, a partir do latim *Grimorium* e às vezes *Grimorium Verum*, e passa-se a saber que esses livros recebem também o nome de ‘alfabetos do diabo’. Chamam a atenção por contar segredos maravilhosos, entre os quais os mais importantes são: fazer aparecer e obedecer os maus espíritos, evocar os demônios, descobrir tesouros escondidos, etc.” (FERREIRA, 1989: 45)

¹ Grimórios (do francês *grimoire*) são coleções medievais de feitiços, rituais e encantamentos mágicos invariavelmente atribuídos a fontes clássicas hebraicas ou egípcias. Tais livros contêm correspondências astrológicas, listas de anjos e demônios, orientações sobre como efetuar feitiços ou misturar remédios, conjurar entidades sobrenaturais e da confecção de talismãs, de acordo com o ponto-de-vista e com os estudos experimentais. A palavra grimório vem do francês antigo *gramaire*, da mesma raiz que a palavra gramática. Isto se deve ao fato de, na metade final da Idade Média, gramáticas de latim (livros sobre dicção e sintaxe de latim) serem guardados em escolas e universidades controladas pela Igreja – e para a maioria iletrada, livros não-eclésiásticos eram suspeitos de conter magia. Mas gramática também denota, para letrados e iletrados, um livro de instruções básicas. Uma gramática representa a descrição de uma combinação de símbolos, contendo também a descrição de como combiná-los, de modo a criar frases lógicas. Um grimório, por sua vez, seria a descrição de uma combinação de símbolos mágicos e de como combiná-los de forma apropriada, dentro de um sistema de magia. (Fonte: Wikipédia)

Neste trabalho não vamos tratar desta obra como um todo, mas vamos no deter especificamente em um pantáculo, denominado justamente de Chave de Salomão, ou Chave Geral de Salomão. Tal atribuição se deve ao fato que a partir dessa chave se consegue os desdobramentos para a produção de todas as demais chaves ou pantáculos que existem nos dois livros.

“A chave geral de Salomão (...) é utilizada na confecção de Pantáculos que servem nas cerimônias ditas simbólicas ou então consideradas como aproximativas – isto é, nas quais não se leva o tempo mágico em consideração. Simplesmente, substitui-se a parte central por tal símbolo adequado. O Pantáculo é, então, universal.” (PIOBB, 1982: 266).

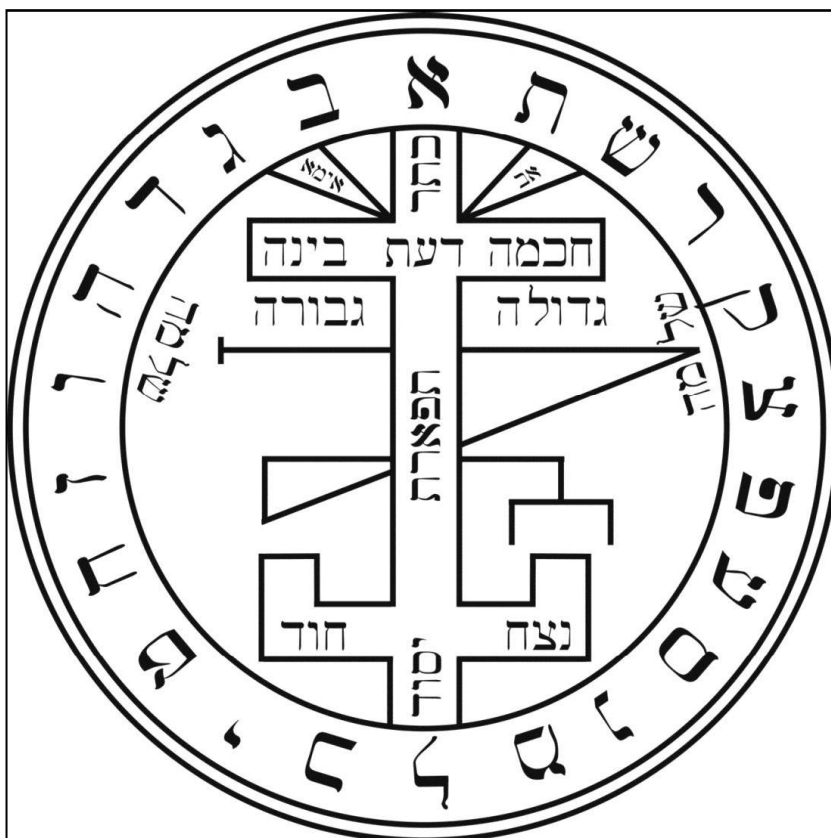
Jerusa Pires Ferreira observa que as edições da *Chave de Salomão* são várias e de diferentes fontes, tendo surgido na idade média as primeiras versões, logo se espalharam inúmeras traduções e novas versões, notadamente na França, Itália, Alemanha e Inglaterra. A autoria atribuída ao rei Salomão é muito ambígua, uma vez que algumas edições buscam apresentar dois personagens que não se deve confundir, um é Salomão, rei dos Judeus e o outro um certo Salomão, mago da Caldéia, sendo este segundo o verdadeiro autor. Porém, o fato é que a maioria das edições atribui a Salomão, rei dos Judeus, a autoria do livro encantatório, desconhecendo a existência do segundo.

“Em 1456, diz-nos E. M. Butler, aparece num panfleto de advertência ao duque da Burgúndia, uma listagem que apresenta as *Clavículas de Salomão* e o *Sigilum de Salomão* como as obras de nigromancia mais correntes naquele tempo, sendo que a primeira ocupou o lugar de honra nas mentes dos praticantes de magia, do século XIV em diante, havendo inúmeras versões de muitos manuscritos existentes.” (FERREIRA, 1989: 47)

Utilizado em inúmeras operações ritualísticas de encantamento e de iniciação a chave de Salomão é considerada a chave matriz que dá origem a quase todas as outras chaves planetárias.

2. A Estrutura da Chave de Salomão

Abaixo temos uma reprodução da chave de Salomão, conforme encontrada no *A Arte da Goetia dos 72 Espíritos Infernais*², tradução e notas de Aleister Crowley.

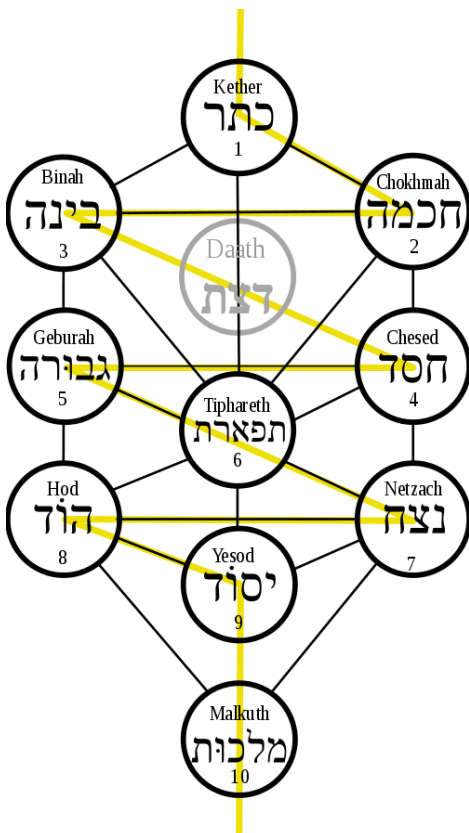


A chave é constituída por três partes principais afora as inscrições em hebraico. A primeira é o círculo que contorna e define os limites do pantáculo (chave), na qual está inscrito em hebraico a sequência das 22 letras do alfabeto. A segunda é uma figura que se assemelha na parte inferior a uma empunhadura de espada e na parte superior a uma cruz da qual emanam dois raios, um de cada lado. As inscrições em hebraico fazem referência a sete das dez *sephiroth*. A terceira parte, em linha simples, é um sigilo que se vê passar por trás da figura da espada/cruz.

² Supostamente o livro é a tradução integral do *Lemegeton: As Clavículas de Salomão*. Edição de Mathers e Crowley, 1904.

Analisaremos primeiramente a segunda figura, a que denominamos pelo binômio espada-cruz. Pelas referências que faz as dez *sephiroth*, esta figura pode ser também uma estilização da “Árvore da Vida” da Cabala.

Na comparação entre as duas figuras, nota-se a clara citação a sete das dez *sephiroth* (*Kether*, *Binah* e *Chochmah* – as três na cruz) e mais *Daath* – a 11.^a *sephirah*, considerada enigmática, que não deve ser pronunciada ou inscrita na Árvore da Vida, bem no centro da cruz. Na lâmina da espada encontramos *Tipheret*, *Hod* e *Nezach* (na parte da empunhadura da espada). Faltam três *sephiroth*, a saber: *Gewurah* e *Chesed* que se localizariam na altura da primeira linha do sigilo, uma de cada lado. Ali, encontramos a mesma palavra em hebraico, inscrita em espelho, um em relação à outra ocorrência, que pode ser lido como o verbo “desembainhar” a espada conjugado no passado, mas também pode ser lido como “inteiro”, “oferta” ou “sacrifício”, a depender de como se vê a ordem e o sentido das letras ali colocadas. E falta a *sephirah* “*Malkuth*” que é o mundo material ou a Terra. *Gewurah* e *Chesed* estão relacionadas aos planetas Saturno e Júpiter e representam respectivamente a Severidade e a Misericórdia. A aparente ausência dos nomes das duas *sephiroth* será resolvida quando analisarmos o sigilo, mas por ora, convém notar que o sigilo possui uma linha horizontal que liga os locais onde deveriam estar as duas *sephiroth*.



A tríade simbólica formada por espada-cruz-árvore da vida compreende uma série de relações significativas dentro do esoterismo. A espada, por exemplo, em *Gênesis*, III, 24 “O Senhor Deus mandou ‘Querubins’ ao jardim das delícias, que faziam brilhar uma *espada de fogo* para fechar o caminho que levava à *Árvore da Vida*” (grifos nossos). Quanto à cruz, seu valor simbólico vai bem além do Cristianismo e era e é comum sua utilização como símbolo na alquimia, na cabala, na maçonaria e no esoterismo em geral.

A tríade proposta, a nosso ver, compreende a passagem da iniciação (espada) para a sabedoria (Árvore da Vida) passando pela regeneração (cruz). Como observa Jules Boucher:

“Wirth³, mais perto da verdade metafísica, escreve: ‘A Espada flamejante é o símbolo do Verbo, ou, em outras palavras, do pensamento ativo’. Trata-se da única arma do Iniciado, que não poderia vencer senão pela força da idéia e pela força que ela carrega em sim mesma. Marius Lepage⁴, na revista *Le Symbolisme*, estudou longamente a Espada flamejante. Para ele a Espada se reveste de dois significados essenciais: o da criação, por intermédio do Verbo-Luz-Som, e o de purificação e de expiação sob as provações do destino” (BOUCHER, 1989: 72-73).

Por sua vez, o símbolo da “Árvore da Vida” é fundamental e básico para o estudo da cabala, uma vez que cada uma das *sephiroth* representa conceitos morais, éticos, religiosos e esotéricos, e as possibilidades de ligações entre as dez *sephiroth* são marcadas pelas 22 letras do alfabeto hebraico. Segundo Dion Fortune:

“Trata-se de um hieróglifo, ou seja, de um símbolo composto, com o qual se procura representar o cosmo em toda a sua complexidade, e também a alma do homem nas relações que esta mantém com aquele; e quanto mais estudamos esse símbolo, mais descobrimos que ele constitui uma representação perfeitamente adequada do que procura expressar; utilizamo-lo da mesma maneira pela qual o engenheiro ou o matemático utiliza sua régua de cálculos

³ WIRTH, Oswald. *Le Livre de l'Apprenti*, p. 119.

⁴ LEPAGE, Marius. *Le Symbolisme*, 1939, p. 122 e segs.

- para investigar a calcular as complexidades da existência, tanto visível como invisível, seja na natureza externa, seja nas profundezas ocultas da alma” (FORTUNE, 1983: 1935).

Notemos que no alto da espada, na ponta da lâmina saltam dois raios, um de cada lado da ponta. Daí a relação com a idéia da espada flamejante, mas também isso se mescla com a noção da “Árvore da Vida”, não só pela citação do *Gênesis*, III, 24 como também pelo fato de que a Árvore da Vida é na verdade uma árvore invertida em que suas raízes estão no céu⁵.

Outro dado significativo inscrita na chave de Salomão é a referência a *sephirah Daath* na lâmina da espada. Conforme Dion Fortune:

“O significado da palavra Kether, como já observamos, é Coroa. Chokmah significa Sabedoria, a Binah, Compreensão. Mas, pendente dessas últimas Sephiroth, existe uma Terceira Sephirah, curiosa a misteriosa, que nunca é representada no hieróglifo da Árvore; trata-se da Sephirah invisível Daath (Conhecimento), que resulta da junção de Chokmah a Binah e que atravessa o Abismo. Afirma Crowley que Daath é uma outra dimensão das demais Sephiroth, constituindo o vértice de uma pirâmide cujos ângulos básicos correspondem a Kether, Chokmah a Binah. A meu ver, Daath representa a idéia da compreensão a da consciência.” (FORTUNE, 1983: 32)

Inscrita na chave geral de Samão, a *Daath* ganha um significado esotérico em destaque, uma vez que esta chave é a base para a produção de todas as demais chaves e pantáculos. Neste sentido, cabe ao iniciado aprender o significado oculto da *Daath*, desenvolver-se espiritualmente para que possa tirar proveito deste significado oculto, uma vez que ele será necessário para a correta aplicação da chave.

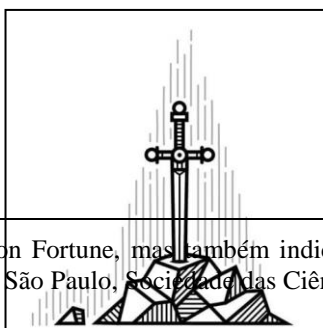
Convém notar que o verbo “desembainhar” a espada, conjugado no passado, e colocado duas vezes ao início e ao final da linha horizontal maior do sigilo, reforça a comparação da forma desta estrutura com uma espada colocada no cento da chave, como se estivesse incrustada nela. Nesta visão logo nos vem à mente a figura da espada arturiana

enfiada na pedra.

Segundo Julius Evola:

“De acordo com a lenda, Artur demonstrou o seu direito inato de ser o rei legítimo de toda a Inglaterra superando a prova da espada, isto é, conseguindo extrair uma espada encravada numa grande rocha quadrangular colocada sobre o altar do templo, rocha que parece ser evidentemente uma variante da ‘pedra dos reais’ pertencente à antiga tradição dos Tuatha de Danann. Apresenta-se-nos aqui um simbolismo duplo, convergente. De um lado, tem-se o simbolismo geral da ‘pedra de fundamento’, que nos leva à idéia ‘polar’, pela qual a alegoria e o mito referir-se-iam a um poder viril (a espada) a ser extraída desse princípio. Em segundo lugar, extrair a espada da pedra pode significar inclusive a libertação de um poder da materialidade, pois a pedra frequentemente tem este significado, e isto está de acordo com outro episódio da lenda: aquele em que Artur, guiado por ‘Merlin’, se apodera da espada Calibur ou Excalibur erguida por um braço misterioso acima das águas. Esta arma, porém, comenta-se, havia sido fabricada em Avalon, isto é, tem relação com o ‘centro supremo’; e o fato de ela ser mantida acima das águas exprime novamente uma força separada das condições da vida material, passional e contingente, vida que sempre foi relacionada com um aspecto fundamental do simbolismo das águas” (EVOLA, 1988: 32-33).

Assim, se a lenda de Artur o coloca em relação com duas espadas, a que foi extraída da rocha (desembainhada) e a que foi erguida das águas (portanto, também desembainhada) pode ser metaforizada pela dupla inscrição do verbo na linha superior do sigilo. Isto leva-nos a considerar uma relação entre a origem da chave de Salomão e a origem e formulação simbólica da lenda do Rei Artur.



⁵ Convém ler o livro já citado de Dion Fortune, mas também indicamos de PAPUS, (Gerard Encausse), *A Cabala: Tradição Secreta do Oriente*. São Paulo, Sociedade das Ciências Antigas, 1983.

Lidell McGregor Mathers, editor da Clavícula de Salomão, coloca a seguinte nota após apresentar o pantáculo da chave geral:

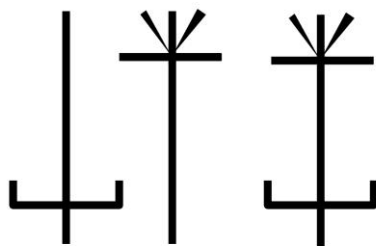
“(...) a figura mística de Salomão é dada somente em dois manuscritos: *Lansdowne 1202* e *1203*. Foi dada por Lévi em seu *Dogma e Ritual da Alta Magia* e por Johann Baptista Großschedel, em seu *Calendário Mágico Natural*, porém, em ambos os casos, sem as palavras e letras em hebraico, talvez por terem ficado tão adulteradas pelos iletrados copistas, tornaram-se irreconhecíveis. Depois de muito labor e estudo da figura, creio que as palavras no corpo do símbolo têm a intenção de formar os dez Sephiroth arrumados na forma da Árvore da Vida, com o nome de Salomão à direita e à esquerda; enquanto que os caracteres ao redor tratam de formar as vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Por esta razão a restaurei. Esta figura forma em cada caso o frontispício dos manuscritos mencionados” (MATHERS, 1889: 140).

No livro citado de Eliphas Lévi⁶, de fato, na página 109 encontramos uma reprodução do pantáculo sem as inscrições em hebraico, exceto por quatro letras dispostas nos eixos norte-sul-leste-oeste da circunferência. Não tivemos acesso ao livro de Grosschedel e nem aos originais citados, desta forma, não podemos validar de todo a reconstrução das inscrições feitas pelo editor, o que a nosso ver, reforça uma suspeita de associação consciente ou inconsciente feita com a simbologia das espadas arturianas; mas por outro lado, também pode ser sugestivo pensar que em sendo o pantáculo realmente muito antigo, tenha servido de inspiração para a composição da lenda das espadas, como uma alegoria esotérica.

⁶ LEVI, Eliphas. *Dogma e Ritual de Alta Magia*. São Paulo, Pensamento, 1988.



Consideremos, por outro lado, a seguinte suposição, que no pantáculo não temos apenas uma associação entre a figura de uma espada e da cruz, mas de duas espadas diametralmente opostas e cujas lâminas se sobrepõem. Assim, a espada da qual saem dois raios é equivalente a Excalibur, que foi entregue ao Rei Arthur pela Dama do Lago, e a outra espada, com empunhadura em forma de cruz com pontas dobradas, a espada que foi retirada da pedra. Tal suposição ganha sentido não apenas pela dupla inscrição do verbo “desembainhar”, mas também pelo fato de que a espada que sai da pedra representa a superação dos aspectos materiais do nosso mundo ao passo que a espada que sai das águas é a força espiritual propriamente dita.



Existe certo número de variantes das lendas do ciclo do rei Arthur⁷. Em algumas se

⁷ A este respeito indicamos as obras: JENKINS, Elizabeth. *Os Mistérios do Rei Artur: O Herói e o Mito reavaliados através da história, da arqueologia, da arte e da literatura*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1994. 202 p.; MALORY, Thomas. *King Arthur and his Knights*. London: Oxford University Press, 1975. 231 p.

considera a existência de uma só espada, seja a tirada da pedra, seja a dada pela Dama do Lago, umas poucas consideram a existência de duas espadas e há ainda as variantes que entendem que é uma só espada, mas que foi perdida e reencontrada. Considerando-se nossa interpretação aqui esboçada, acreditamos que seja mais coerente supor a existência de duas espadas com significados simbólicos diferentes e que se completam, como sugere a figura central do pantáculo da chave de Salomão.

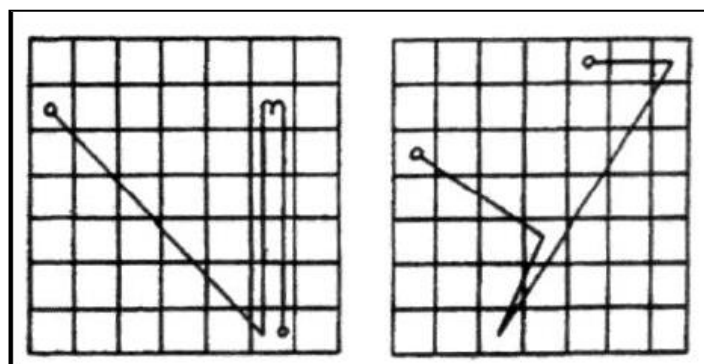
Assim, esperamos ter demonstrado a significação simbólica que a figura espada-cruz tem na Chave de Salomão, agora vamos analisar o sigilo que se apresenta por trás da espada-cruz e acreditamos demonstrar que modo original e pela primeira vez seu significado da forma como será feito aqui, ligando com o conceito de sigilo utilizado nos quadrados mágicos esotéricos.

3. O Sigilo na Chave de Salomão

A terceira parte estrutural do pantáculo geral da Chave de Salomão é um sigilo que passa por de trás das lâminas das espadas. A palavra vem do latim (*sigillum*) que significa “selo” e também pode ser relacionado ao hebraico (*segulah*) que significa palavra, ação ou item de efeito espiritual. Os sigilos podem ser produzidos de diversas formas, mas via de regra, se resulta num glifo com características geométricas compostas. Vários sigilos são produzidos a partir da ligação por linhas de células específicas de uma matriz de quadrado mágico.

“Os selos menores, ou sigilos, dos espíritos individuais e das inteligências dos sete planetas são formados localizando-se as letras hebraicas de cada nome, com base nos valores numéricos dessas letras, em suas respectivas células no quadrado mágico do planeta ao qual o nome se associa, e depois desenhando-se uma linha de letra a letra, em ordem” (TYSON, 2008: 946).

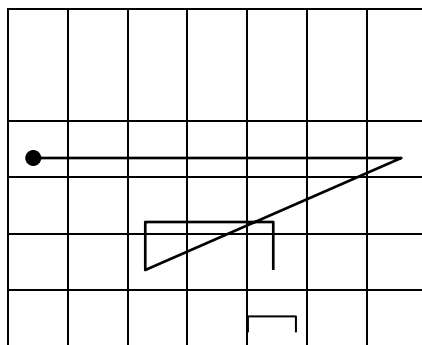
Os sigilos são utilizados em rituais e operações mágicas em diversas correntes de esoterismo. O glifo tem algumas regras básicas para normatização do sinal, por exemplo, se uma mesma célula é utilizada duas ou mais vezes seguida, isto se marca com um sinal específico, como no sigilo de *Hagiel* no quadrado mágico de Vênus:



Sigilos de Hagiél e Kedhemel

Também as células iniciais e finais do sigilo são marcadas com uma pequena bolinha. As células que pertencem ao sigilo são somente as que apresentam algum tipo de ângulo ou quebra da linha reta, assim as células que são perpassadas por uma linha reta não pertencem à contabilidade gemátrica⁸ do sigilo.

Observando-se estas regras e analisando o sigilo do pantáculo da Chave Geral de Salomão notamos de imediato uma identificação do sigilo com o quadrado mágico de Vênus, uma vez que o sigilo parece conter seis células numa primeira análise, em que a última é contada duas vezes, totalizando sete cifras:



⁸ Gematria: operação matemática cabalística que considera a relação entre letras e números, típica do alfabeto hebraico. Na gematria uma dezena, centena ou milhar pode ser reduzida a um valor menor que dez, já que se pode somar os numerais de uma determinada cifra até que se chegue ao valor menor. Indicamos SOD, Lochem. *Tratado Geral de Cabalá*, volume 1: Guematria. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/683984262127963658/>

A soma das sete cifras no quadrado mágico de Vênus se dá desta forma, quando observamos os valores de cada célula: $30 + 12 + 32 + 7 + 43 + 26 + 26 = 176$. O valor básico do quadrado mágico de Vênus é 175, portanto, aqui temos $175+1$, ou seja, a superação do significado simbólico que carrega o quadrado de Vênus, que são as paixões carnavais.

22	47	16	41	10	35	4
5	23	48	17	42	11	29
30	6	24	49	18	36	12
13	31	7	25	43	19	37
38	14	32	1	26	44	20
21	39	8	33	2	27	45
46	15	40	9	34	3	28

Este sigilo guarda propriedades especiais conforme seja modificada sua posição, por exemplo, se pensamos numa alteração de 180° da disposição do sigilo sobre a grade da matriz, obteremos como soma a cifra 174 ($20+38+18+43+7+24+24$). O que designaria uma diminuição do valor do quadrado mágico de Vênus em uma unidade ($175-1$). A média das duas posições do sigilo retorna ao valor do quadrado mágico: $176+174=350/2= 175$. Por sua vez se mudamos as duas posições em 90° , temos os seguintes valores:

$$40+16+26+1+49+18+18 = 168 (175-7)$$

$$10+34+24+49+1+32+32 = 182 (175+7)$$

Desse modo, a média de duas posições antípodas do sigilo sempre dá 175. No caso das quatro posições descritas, a soma das quatro células finais (uma de cada posição) dá como cifra o total de cem ($26+24+18+32$). Marcando-se essas quatro posições, observamos

que podemos determinar um quadrado na região central do quadrado mágico:

22	47	16	41	10	35	4
5	23	48	17	42	11	29
30	6	24	49	18	36	12
13	31	7	25	43	19	37
38	14	32	1	26	44	20
21	39	8	33	2	27	45
46	15	40	9	34	3	28

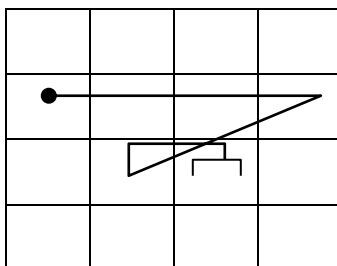
Notemos agora que se somamos as quatro células adjacentes a cada uma das cifras marcadas formou um losango, cuja soma também é cem ($49+1+43+7$). No centro da soma losango/quadrado temos a cifra 25, assim, podemos retornar à cifra 175 deste modo: $100+100= 200-25 = 175$. A figura central é um quadrado mágico de Saturno (matriz 3x3) cuja soma de cada linha ou coluna é 75:

24	49	18
7	25	43
32	1	26

O sigilo do pantáculo da chave geral de Salomão pode ser adaptado para qualquer outro quadrado mágico planetário (Júpiter, Marte, Sol, Mercúrio, Lua, Terra). Apenas especificamente o de Saturno exigirá uma alteração no modo operatório como se faz a adaptação⁹.

Mostraremos aqui o modo como adaptar o sigilo para os quadrados mágicos de Júpiter e de Mercúrio. A questão central é definir o sigilo em número de células que pode assumir em cada quadrado; no caso do de Júpiter (matriz 4x4), o sigilo deve corresponder a quatro células, ficando assim:

⁹ Não explicaremos aqui como se faz a operação no quadrado Mágico de Saturno, uma vez que nos parece assunto para outro artigo.



Na soma das quatro células no quadrado mágico de Júpiter, tomando por base o quadrado mágico apresentado por Agrippa¹⁰, obtemos o resultado 63 (9+12+11+11+10+10), que corresponde a 34 (soma padrão da linha ou coluna do quadrado de Júpiter) mais 29 (número que pode ser reduzido gematricamente a 11, este com alto valor simbólico: o número do avatar). Fazendo o giro das quatro posições como fizemos com o sigilo no quadrado de Vênus obteremos em Júpiter os seguintes resultados:

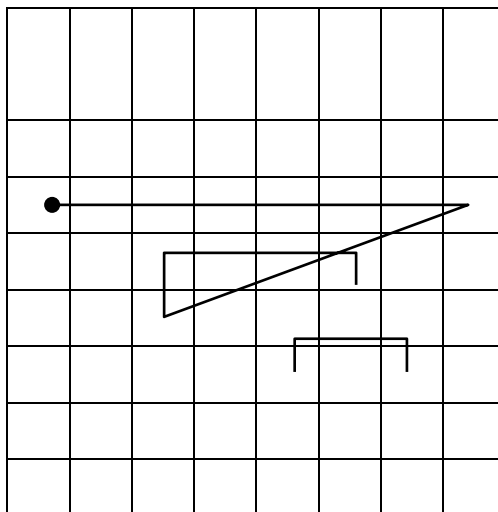
4	14	15	1
9	7	6	12
5	11	10	8
16	2	3	13

- a) $9+12+11+11+10+10 = 63$ (34+29)
- b) $8+5+6+6+7+7 = 39$ (34+5)
- c) $2+14+6+6+10+10 = 48$ (34+14)
- d) $15+3+7+7+11+11 = 54$ (34+20)

A média de cada duas posições antípodas é 51 ($63+39= 102/2 = 51$), que corresponde a 34+17. Observemos que se eliminamos as repetições das células nas somas temos como média 34, o valor padrão do quadrado mágico de Júpiter. 51 é um número que representa Júpiter mais metade de Júpiter e que na soma de dois antípodas temos três vezes o valor de Júpiter. As quatro células centrais da operação dão como resultado 34. Desse modo as

¹⁰ NETTESHEIM, Cornélio Agrippa de. *Três Livros de Filosofia Oculta*. Compilação de Notas de Donald Tyson. São Paulo, Madras, 2008. p. 942.

propriedades do sigilo permanecem se mudamos o quadrado mágico que lhe sirva de base. Apliquemos agora o mesmo princípio ao quadrado mágico de Mercúrio e para obtermos oito células, uma vez que o quadrado mágico de Mercúrio é uma matriz 8x8, consideraremos que a chave final não representa uma mesma célula, mas que se abre em duas células:



No quadrado mágico de Mercúrio utilizamos a grade conforme definida por Agrippa, em que cada linha, coluna ou diagonal principal dá o resultado 260, e se obtém rodando as quatro posições que temos trabalhado aqui os seguintes resultados:

- a) $32+25+46+27+30+43+21+42 = 266 (260+6);$
- b) $33+40+19+38+25+22+23+44 = 254 (260-6);$
- c) $61+5+43+21+45+19+11+38 = 243 (260-17)$
- d) $4+60+22+44+20+46+27+54 = 277 (260+17)$

A diferença entre as somas “a” e “b” é 6 (+6-6), o valor é típico do quadrado mágico do Sol (matriz 6x6) e a diferença entre as posições “c” e “d” é 17 (+17-17), que é metade do valor da linha no quadrado mágico de Júpiter (34). Já demonstramos em outro texto as relações intrínsecas entre a matriz do quadrado mágico de Mercúrio com as matrizes do Sol e de Júpiter. São relações que podem ser extraídas da própria grade de Mercúrio e se obtém os

quadrados do Sol e de Júpiter¹¹.

Acreditamos ter demonstrado como o sigilo do pantáculo da chave geral de Salomão é também um sigilo geral que pode ser aplicado sobre qualquer grade de matriz de quadrados mágicos planetários que guardará suas propriedades básicas. Resultados semelhantes podem ser obtidos se aplicado o sigilo sobre os quadrados mágicos de Marte, Sol, Lua e Terra.

4. O Nome no Sigilo

Um sigilo não é apenas uma operação matemática, as células de um sigilo compõem por operação que converte a gematria em cabala um nome. Este nome tem importância no entendimento do significado oculto de cada quadrado mágico. Há pouco, atrás no texto, exemplificamos com o quadrado mágico de Vênus os sigilos que se referem aos nomes de *Hagiel* e *Kedhemel*. Estes dois nomes são entendidos como sendo o primeiro o nome da Inteligência de Vênus e o segundo o nome do espírito de Vênus. O primeiro é considerado o de uma entidade benéfica e o segundo de uma entidade severa. Operações ditas mágicas buscam evocar um ou outro conforme as intenções do operador.

A transformação da cifra gemátrica em nome cabalístico e vice-versa obedece a algumas regras básicas. O valor da cifra na célula pode, conforme o caso, ser multiplicado por dez. Por exemplo, o nome *Kedhemel* em hebraico corresponde às letras QDMAL (**lamrq**) e os valores das células são $100+40+4+1+30 = 175$, note, porém, que a cifra de Q (100) é no quadrado mágico a célula que contém a cifra 10.

Outras possibilidades são a de desmembrar a cifra de uma célula em duas, por exemplo, o sigilo do nome *Jophiel* (inteligência de Júpiter) é utilizado as cifras I (10) + H (5) + Ph (80) + I (10) + A (1) + L (30). As cifras de “I” e de “A” correspondem a uma única célula cujo valor é 11. Note também neste nome de *Jophiel* como as cifras de “Ph” e de “L” foram multiplicadas por dez¹².

Ainda existe a possibilidade de se fazer a redução do valor da cifra, assim se uma célula contém, por exemplo, a cifra 17, mas o que se pretende é o número 8, e, por algum motivo,

¹¹ LUNA, Jayro. “Análise da Mandala de Nazca: Algumas Considerações Matemáticas e Outras nem tanto...” em: *Revista Diálogos*, n.º 17, março, 2017, p373-393. Link: http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos_17/Dial_17_Jairo_Luna_Nazca.pdf

não se utilize a célula 8 própria, então se subentende que $1+7 = 8$. Por fim, outra possibilidade é a de somar células para obter um valor específico de uma letra¹³.

Observemos então, que nome se inscreve no sigilo do pantáculo da chave geral de Salomão no quadrado mágico de Vênus.

$$30 + 12 + 32 + 7 + 43 + 26 + 26 = 176$$

Aqui observaremos as seguintes operações gemátricas:

- a) somaremos as células $7+43 = 50$ (letra “Nun”)
- b) somaremos as cifras $12+32+26 = 70$ (letra “Hain”)

Com estas operações obtemos o nome *Goognell*¹⁴ (גוגנל), que descontando o falso cognato do começo do nome, refere-se a um nome não conhecido da maioria dos grimórios e livros de nomes cabalísticos, e cuja qualidade é a de guardar os segredos do sigilo em si mesmo.

Exemplificamos também o nome obtido a partir da aplicação do sigilo no quadrado mágico de Júpiter: $9+12+11+11+10+10 = 63$.

Aqui faremos as seguintes operações:

- a) somaremos $9+11+10 = 30$ (letra “Lamed”)
- b) multiplicaremos 10 por dez, obteremos 100 (letra “coph”)

Com estas operações obtemos o nome “Ghiakel”¹⁵ (גיאקל), outro nome enigmático relacionado às propriedades do sigilo quando aplicado ao quadrado mágico de Júpiter.

Qualquer que seja o quadrado mágico utilizado na aplicação das operações do sigilo em suas variações de quatro posições nas orientações cardinais Leste-Oeste-Norte-Sul, se obtém ao final quatro células. Estas quatro células também compõem um nome secreto. Em Vênus as células são $26 + 24 + 18 + 32 = 100$, que formam o nome: $20+6+20+4+1+8+5(32)$,

¹² Todos os exemplos aqui citados de nomes nos sigilos são retirados da obra já citada de Agrippa.

¹³ GUENOL, Raji. Caderno 2: *Apontamentos sobre Sigilos*. Arembepé-BA, edição do autor, 1983.

¹⁴ Provável corruptela desse nome em: “*Gonael-one of numerous guards of the gates of the North Wind*. [Rf: *Ozar Midrashim* 11,316.1”. DAVIDSON, Gustav. *A Dictionary of Angels: Including the Fallen Angels*. New York, Free Press, 1979. p. 125.

¹⁵ Provável corruptela do nome em: “*Jachniel-one of numerous angelic guards of the gates of the South Wind*. [Rf. *Ozar Midrashim* 11, 316.] DAVIDSON, Gustav. *A Dictionary of Angels: Including the Fallen Angels*. New York, Free Press, 1979. p. 157.. Outra forma de escrita do nome em caracteres latinos: Jakele.

contendo sete letras: *The Chalk*¹⁶ (החאָרלול), “o giz” e também “o alcance”, com o qual se escreve no quadro negro, letras que posteriormente são apagadas e que ficam no quadro apenas o tempo suficiente para que os alunos mais dedicados apreendam seu significado, os que se distraírem mal verão as letras sendo apagadas. Como observa o guru Raji Guenol:

“The rotations of the four institutions of Saturn's kamea inscribed in other magical squares have given the operator names of spirits who control the use of each case in each magic square, so that the name arising in secrecy must be related in the operation to the name evoked in the frame Magical, whether for intelligence or spirit” (GUENOL, 1983: 66).

Lembrando que essas quatro posições estão contíguas às outras quatro que formam as laterais de um quadrado mágico 3x3 (Saturno), podemos também formar um nome a partir das quatro contíguas: $1 + 49 + 7 + 43 = 100$, que pode ficar assim: $1 + 40 + 9 + 7 + 40 + 3$ e somando-se a cifra central 25 (7) para completar as sete posições do quadrado mágico de Vênus: *Zagzamtama* (זגזמטמא), nome do espírito que controla as propriedades da rotação do quadrado de Saturno inscrito em Vênus. O nome parece ser uma das várias versões de *Zagzagal*, conforme se vê em Gustav Davidson, a ocorrência de três variantes do nome. Na variante que encontramos, o final do nome parece fazer referência à necessidade de que o iniciado busque a pureza e a conseqüentemente eliminação da contaminação espiritual (טמא):

“Zagzagal (Zagzagael, Zagnzagiell, Zamzagiell, - "divine splendorM)-prince of the Torah and of Wisdom (but see Yefefiah, Iofiel, Metatron). Zagzagal instructed Moses in the knowledge of the Ineffable Name. He is the angel of the burning bush (but see Michael) and chief guard of the 4th Heaven, although he is said to reside in the 7th Heaven, the abode of God. A prince of the presence, Zagzagal is a teacher of angels and speaks 70 languages (cf. Metatron). [Rf: 3 Enoch; Ginzberg, The Legends of the Jews.] In the latter source, Zagzagal is described as the "angel with the horns of

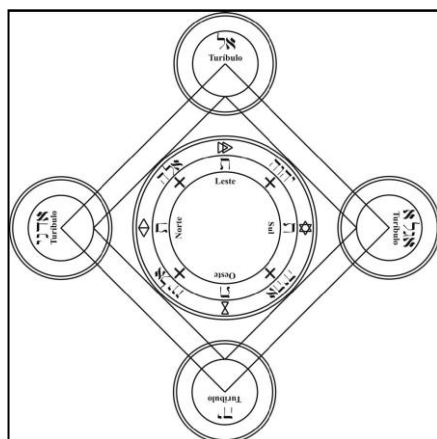
¹⁶ “Chalkydri (KaIkydra)-archangels of the flying elements of the sun. Mentioned in **Enoch II**, where they are linked with the phoenixes and placed amidst cherubim and seraphim. The chalkydri are 12-winged. At the rising of the sun they burst into song. Their habitat is the 4th Heaven. In gnostic lore, they are demonic. In Charles' Introduction to **Enoch II**, the chalkydri are described as "monstrous serpents with the heads of

glory." In *Midrash Petirat Mosheh*, Zagzagel joined 2 other ministering angels, Michael and Gabriel, in accompanying God when the Holy One descended from Heaven to take the soul of Moses (and to assist in burying him). [Rf: *Post-Biblical Hebrew Literature*, p. 42.]” (DAVIDSON, 1979: 325).

Zagzantama / Zagzagael parece evocar a função do anjo que ensina. Daí a ligação com as quatro células cardeais, estas no sentido do giz, do que está ao alcance, da inscrição de palavras que devem ser apreendidas antes que o mestre as apague para dar lugar à próxima lição, idéia ou conceito. Em filipino *Tama* significa “correto” ou “correção”.

As transliterações fornecem nomes específicos para determinadas operações ditas mágicas e é surpreendente como a equação que associa resultados do sigilo do pantáculo da chave de Salomão possibilita a obtenção de significados muito precisos em cada quadrado mágico em que for aplicado o processo aqui descrito.

A rotação das quatro células dos eixos cardeais para os colaterais sugerem um processo dinâmico e contínuo, o que é reforçado pela idéia de palavras escritas com giz que logo se apagam, sendo substituídas por outras, conforme o giro. Este giro contínuo vai criando uma sucessão de nomes e palavras que tem um efeito hipnotizador sobre os iniciados. Mais que isso, as cifras em constante rotação, mas chegando sempre ao mesmo resultado compõem um anel energético que sugestiona um efeito psicológico e espiritual.



crocodiles" and as "natural products of the Egyptian imagination." DAVIDSON, Gustav. A Dictionary of

Por fim, acreditamos aqui ter demonstrado a complexa construção e estrutura da figura conhecida como pantáculo da chave geral de Salomão. Muito há que ser questionado no presente texto, uma vez que sabemos que aqui não conseguimos mais do que evocar sugestões, suposições e lançar dúvidas, mas atingindo esse objetivo, acreditamos já ter alcançando o suficiente para que a análise e a discussão sobre o tema se desenvolvam, mesmo que no decorrer se chegue à necessidade de correção, revisão e até de recusa no todo ou em parte dos conceitos aqui abordados, desde que sejam substituídos por outros mais eficientes, mais claros e mais científicos.

Referências

- BOUCHER, Jules. (1986) *A Simbólica Maçônica*. São Paulo, Pensamento.
- DAVIDSON, Gustav. (1979) *A Dictionary of Angels: Including the Fallen Angels*. New York, Free Press.
- EVOLA, Julius. (1988) *O Mistério do Graal*. São Paulo, Pensamento.
- FERREIRA, Jerusa Pires. (1996) “Livros e Leituras de Magia”. *Revista USP*, n.º 31: *Dossiê Magia*. São Paulo, USP.
- FORTUNE, Dion. (1983) *A Cabala Mística*. São Paulo, Pensamento.
- GUENOL, Raji. (1983) *Caderno 2: Apontamentos Sobre Sigilo*. Arembepe-BA, edição do autor.
- LEVI, Eliphas. (1988) *Dogma e Ritual da Alta Magia*. São Paulo, Pensamento.
- LUNA, Jayro. (2017) Análise da Mandala de Nazca: Algumas Considerações Matemáticas e Outras nem tanto... *Revista Diálogos*, n.º 17, março, pp. 373-393.
- MATHERS, Sammuell Liddell MacGregor (trad.). (2006) *A Arte da Goetia dos 72 Espíritos Infernais: Conforme Evocados e Constritos pelo Rei Salomão*. Tradução para o Português de Astharot Cognatus. Introdução e Notas de Aleister Crowley. Londres, Mathers, (1904).
- _____. (1889) *A Chave de Salomão (Clavícula Salomonis)*. Volume sem indicação do tradutor para o Português nem o ano da edição no Brasil. Londres, George Redway.

Angels: Including the Fallen Angels. New York, Free Press, 1979. p. 84.

PAPUS (Gerard Encausse). (1983) *A Cabala: A Tradição Esotérica do Ocidente*. São Paulo, Sociedade das Ciências Antigas.

PIOBB, P.V. (1982) *Formulário de Alta Magia*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

TYSON, Donald. (2008) *Três Livros de Filosofia Oculta: escritos por Henrique Cornélio Agrippa de Nettesheim*. Introdução, tradução e notas de Donald Tyson. Tradução Marcos Malvezzi. São Paulo, Madras.